

ANEXO II - DA EXECUÇÃO

Envolvidos:

Edmilson – Vulgo Macalé

Maxwell – Vulgo Suel

Ronnie Lessa

Fl. 11
SR/PF/RJ
2023.0046250

Linhas Gerais

Conheço RONNIE LESSA há mais de 30 (trinta) anos. Nossas esposas eram amigas e ele é padrinho do meu filho.

Após a conclusão do PAD (Processo Administrativo Disciplinar) que culminou na minha expulsão da corporação em 2015, passei a fazer segurança para estabelecimentos.

RONNIE, além de ser sargento reformado, tinha pontos de Gato Net e vendia armas.

Após a minha expulsão da corporação, muitas vezes eu passava por dificuldades financeiras e, em algumas dessas vezes, eu pedia dinheiro emprestado ao RONNIE.

Como o RONNIE sabia que eu me sentia em dívida com ele, ele se sentia à vontade para me contar coisas pessoais de sua vida no crime e inclusive me pedir favores, sabendo que na época eu interpretava como “retribuição”.

DOS ATOS PREPARATÓRIOS

Por volta de agosto de 2017, ao chegar na casa do RONNIE LESSA, vi que tinha uma bateria de carro nova na varanda da casa dele. Como o meu carro estava apresentando problemas na bateria, pedi a ele emprestada.

Uns dias depois, ele pediu a bateria de volta. Ao chegar à casa dele para entregar a bateria, ele me contou que tinha um carro que “não era bom”, que era um “carrinho ruim”, e que ele estava com um carro, que por conta de estar sujo e com um pneu um pouco vazio, levantou suspeitas e acabou sendo recuperado, pois possivelmente a Polícia Militar verificou a placa do carro e comparou com o chassi. Disse ainda que comprou a bateria para “não ficar na mão”, porque estava usando esse carro para um trabalho. Pelo jargão “carrinho ruim” entendi se tratar de carro clonado.

Não sei precisar onde foi recuperado o carro, mas possivelmente na região da Barra da Tijuca ou em Rocha Miranda.

A primeira vez que vi o veículo foi algum tempo depois, quando eu estava chegando à Avenida Lúcio Costa. Próximo ao primeiro quiosque, presenciei o RONNIE falando pela janela com o MAXWELL, que estava do lado de dentro do carro, dirigindo um Cobalt Prata, que tinha lavado ou ia levar para lavar e ia estacionar pela Barra da Tijuca.

Nesse momento, RONNIE me disse que esse era o carro que eles estavam utilizando para um trabalho. O MAXWELL ficava responsável pelo carro, haja vista que, como o RONNIE tem a perna amputada, ele não conseguia dirigir carro sem ser adaptado. Cabe ressaltar que até aquele momento RONNIE não havia me dito do que se tratava esse trabalho.

A segunda vez que vi o carro foi aproximadamente em outubro de 2017, quando estávamos eu, RONNIE e MAXWELL no Quebra-Mar e o RONNIE pediu para o MAXWELL trocar o carro de lugar para não ser novamente rebocado. Imediatamente MAXWELL saiu e foi andando trocar o carro de lugar. Nesse momento fiquei sabendo que o carro estava na Praia dos Amores.

DA TENTATIVA FRUSTRADA

Na virada do ano de 2017 para 2018, passei o Ano Novo na casa do RONNIE na Barra da Tijuca. RONNIE bebeu bastante e começou a desabafar comigo, revoltado, contando que semanas antes ele foi com o EDMILSON e o MAXWEL para pegar a mulher que estavam monitorando há alguns meses. Entretanto, na hora, MAXWELL falou que o carro deu problema e o carro falhou. Contudo, RONNIE acreditava que o MAXWELL refugou, porque havia ficado com medo de continuar.

Fl. 13
SR/PF/RJ
2023.0046250

Além disso, lembro que o RONNIE narrou que, no dia em que eles foram atrás da “mulher monitorada” e que o carro supostamente falhou, ela estava em um TÁXI, próximo ao Bairro Estácio.

Desse fato, recordo-me que o RONNIE me relatou que ele, EDMILSON e MAXWELL estavam posicionados da seguinte forma: MAXWELL como motorista, RONNIE com a MP5 no banco do carona e o EDMILSON com um AK47 atrás para segurar o trânsito se houvesse necessidade.

DO DIA DA EXECUÇÃO

No dia 14 de março de 2018, eu estava trabalhando para as Casas Bahia, fazendo acompanhamento dos caminhões. Por volta do meio-dia, eu recebi uma mensagem do RONNIE LESSA, através do aplicativo CONFID, na qual ele me perguntou onde eu estava e que precisava de alguém para dirigir para ele.

Enviei uma foto para ele mostrando que eu estava no Viaduto de Rocha Miranda em frente ao Grêmio Recreativo. Ele também me enviou uma foto de algumas mulheres, mas não consegui olhar direito, pois a foto expirou.

Expliquei que não sabia exatamente a hora que ia sair do serviço. Em seguida, ele perguntou se até as 17 h eu estaria liberado, pois ele precisava estar no centro da cidade até as 19 h.

Assim que acabou o serviço, fui para casa, almocei e enviei uma mensagem para dizer que estava disponível.

Por volta de 16 h, ele me enviou mensagem, na qual disse para eu não pegar o horário do “Rush”. Era para eu ir na direção dele na Barra da Tijuca e encontrasse com ele dentro do condomínio onde ele morava.

Cheguei ao condomínio, me identifiquei na portaria e entrei. Quando cheguei à porta da casa dele, ele já estava em pé com uma bolsa na mão. Era uma bolsa de viagem. Em seguida, ele falou que era para eu estacionar o carro.

Estacionei dentro da garagem dele e saímos no carro dele, uma Evoque. Quando saímos ele entrou em uma rua à direita próxima ao número 3.100 e 3.200 da Avenida Lúcio Costa, na Barra da Tijuca. Essa rua sai nos fundos do condomínio do RONNIE e tem uma passagem através de embarcação para a Avenida das Américas.

RONNIE estacionou o carro e já havia um veículo ali parado que era o Cobalt Prata. Ele pediu para que eu deixasse o telefone no carro. Assim, eu coloquei no modo avião e deixei o telefone.

Entramos no carro, eu ocupei o banco do motorista e o RONNIE o do carona. Durante o trajeto, ele foi me informando sobre o caminho. Pegamos a Avenida Lúcio Costa e ele disse que iríamos na direção do Centro pelo Alto da Boa Vista e no caminho ele me disse que tinha que chegar nesse local logo, tendo em vista que seria um encontro com várias mulheres e a Vereadora MARIELLE estaria no local. Eu perguntei qual era o objetivo e se tinha algum dinheiro, tendo ele respondido que era algo pessoal.

Acredito que ele tenha falado que se tratava de algo pessoal, porque não queria falar para mim que estava recebendo dinheiro.

Embora eu conheça e já tenha trabalhado pelo Centro, eu não conhecia bem o local, mas pude observar que ele já tinha verificado o local, haja vista que ele foi dando o caminho muito bem explicado, falando vire à direita, esquerda, indicando locais onde supostamente estariam instaladas as câmeras e onde tinha que estacionar. Demos mais uma volta, até que surgiu uma vaga e estacionamos.

Quando estacionei o carro, ele pediu para que eu o ajudasse. Ele baixou totalmente o banco do carona e eu ajudei-lhe a conduzir a perna para passar para o banco de trás. Nesse momento, eu, ao olhar pelo retrovisor, vi que ele começou a se equipar, colocou um casaco preto, tirou a submetralhadora da bolsa, atarraxou o silenciador, pegou a touca e um binóculos e ficou observando.

Quando saiu uma pessoa parecida com a então vereadora, ele achou que fosse ela, mas depois viu que não era.

Como o vidro do veículo começou a embaçar, eu liguei o carro e a luz do painel acendeu. Ato contínuo, ele me deu uma touca para cobrir o painel do carro.

Ficamos esperando ali. Ele achou que pudéssemos estar atrasados. Foi quando ela saiu e ele disse “é essa” e continuou “tô pensando em pegar aqui mesmo”. Naquele momento eu disse: isso aqui não, pelo amor de Deus, olha quanta gente tem na rua.

Ao sair, ela se dirigiu a um veículo Ágile branco. Tinha um rapaz em pé que depois eu fiquei sabendo se tratar do ANDERSON GOMES. Ela entrou no banco de trás com outra pessoa. Eu disse que estava preocupado, pois havia uma pessoa ao lado dela que posteriormente vim a saber que se tratava da assessora FERNANDA CHAGAS, tendo ele dito: pode ficar despreocupado que não vai acontecer nada com a pessoa que está ao lado dela.

Naquele momento, o carro onde estava a Vereadora saiu e, então, comecei a segui-lo. Quando passou um carro preto ao lado, que as pessoas acham que é um Logan, mas na verdade era um Vectra com insulfilme e roda preta, eu disse para ele que eu achava que era carro de Polícia, que poderia até atirar na gente se visse. Logo após o HCPM (Hospital Central da Polícia Militar do Rio de Janeiro), havia um semáforo que estava fechado e esse carro que estava andando próximo da gente parou. Naquele instante, eu ia parar e ele disse: não, segue.

Quando eu disse: “acho que não vai dar para alcançar” ele disse: “não tem problema porque caso não alcance eu sei de um lugar que ela vai para beber, inclusive ela já deu até uma medalha para a dona do local.” (possivelmente Dona Dida, proprietária do Dida Bar, R. Barão de Iguatemi, 379 - Praça da Bandeira, Rio de Janeiro - RJ, 20270-060)

Entretanto, logo quando passou do semáforo, ele disse emparelha, pois o carro em que estava a Vereadora MARIELLE estava parado, porque estavam esperando um carro que vinha na contramão passar. Em seguida, vi que o RONNIE já estava com o vidro abaixado. Naquele momento, eu só escutei a rajada e senti que caíram cápsulas em mim. Ao terminar a rajada, ele disse: pode ir embora. Eu perguntei: “e a senhora que estava ao lado dela?”. Ele respondeu: “fica tranquilo.” Então, eu pensei que não tivesse acontecido nada com a assessora e com o motorista.

Acredito que o Anderson tenha sido um efeito colateral da ação e não proposital, pois foi uma rajada longa. No momento do disparo ele estava de toca ninja e casado preto com detalhe vermelho.

Poucos minutos antes de a MARIELLE sair do evento, me recordo que o RONNIE utilizou o Waze ou o Google Maps por um telefone secundário que ele tinha para pesquisar se havia alguma Blitz, Lei Seca ou Operação pelo caminho de volta. Lembro ainda que ele permaneceu com esse telefone ligado durante parte do trajeto, tendo chegado um momento que ele desligou, pois viu que não

havia mais necessidade e começou a se desfazer das coisas, retirando casaco e desligando o telefone.

Durante o retorno, ele me pediu para voltarmos pela Rua 24 de Maio e eu questioneei a respeito do trânsito, porque havia jogo do Flamengo com Emelec, o que poderia gerar possível policiamento na rua. Ele concordou e me disse para fazer outro caminho.

Assim, o trajeto percorrido após o fato foi: Leopoldina, Viaduto do Gasômetro, desci na Avenida Brasil, peguei a pista do canto depois da entrada da Linha Vermelha. A Avenida Brasil estava limpa, automaticamente peguei a Linha Amarela e desci na última saída antes do pedágio, que sai ali para o Meier e Água Santa e dobrei no sentido Méier em direção a casa da mãe do RONNIE. Passei pela minha rua, fui em direção à Rua Dias da Cruz, entrei em uma rua em frente ao Sport Club Mackenzie, passamos pelos fundos da 26ª Delegacia de Polícia, onde é o condomínio que a mãe do RONNIE mora, fizemos a volta no canal, pois tem um canal que divide a rua, passamos do prédio da mãe dele e ele disse para eu encostar em uma casa de festa que é chamada de Casa Branca, na Rua Intendente Cunha Menezes, Méier, pois ali não havia câmera.

Nessa hora, ele ficou um pouco preocupado, porque havia muitos carros parados no local. Então, consegui parar na última vaga da Casa Branca próxima ao prédio.

RONNIE também ficou preocupado com a possibilidade de ter câmeras no prédio da mãe dele, mas acho que não tinha câmera na portaria.

Descemos do carro, ele tocou o interfone, o irmão dele mais velho desceu. Ele conversou com o irmão dele, pediu para que ele solicitasse um táxi para que ele fosse para casa e pediu para que eu pegasse as coisas no carro. Em seguida, ele pediu para que o irmão dele guardasse a bolsa dele e disse que depois passaria para pegar.

O irmão dele chamou o táxi através da empresa TAXI MÉIER e veio um veículo Toyota Etios Sedan. O motorista nos deixou no mesmo local do

condomínio onde dá acesso a embarcação para o canal, atrás do condomínio da casa do RONNIE. Acredito que o motorista do táxi deva se recordar, porque percebi que ele pode ter achado estranho o local que pedimos para ficar.

Pegamos o carro do RONNIE naquele local e tirei o meu telefone do modo avião. Saímos quase em frente ao condomínio dele e fomos em direção ao bar na Av. Olegário Maciel, chamado Resenha. Fomos beirando a orla da Barra, onde as antenas foram mostrando, da casa dele até o Resenha.

Paramos na rua ao lado (possivelmente a Comandante Júlio de Moura) e, assim que chegamos ao Resenha, o MAXWELL veio ao nosso encontro e disse que sabia que havia sido a gente, mesmo sem falarmos nada, pois nesse momento já estava passando de 5 em 5 minutos no noticiário. Também estavam no Resenha a esposa do MAXWELL, o Assis bombeiro e mais um bombeiro que não me recordo o nome.

Teve uma hora que o MAXWELL falou para mim, como se estivesse se justificando, falando que estava trabalhando nisso há um tempo, que o carro havia falhado e que não havia sido por querer.

A esposa do MAXWELL foi embora, porque não gostava muito do RONNIE e continuamos ali bebendo e falando de outras coisas. Em um determinado momento, o RONNIE e o MAXWELL ficaram a sós conversando um bom tempo.

Por volta de 3 h da manhã, fomos embora do Resenha em direção a casa do RONNIE. Não me recordo de ter deixado alguém no ponto de táxi, embora isso já tenha sido me questionado em depoimentos anteriores. Da casa do RONNIE, peguei o meu carro que estava parado lá e no caminho liguei para minha esposa avisando que estava no caminho de casa.

DA OCULTAÇÃO DAS PROVAS

Toda vez que o RONNIE LESSA queria falar comigo sobre algo que ele entendia suspeito, ele me enviava mensagem pelo aplicativo Confid (meu usuário era através do e-mail) antes do pedágio da Linha Amarela avisando que estava chegando à minha casa e desligava o aparelho.

No dia seguinte ao fato, quando ele chegou à minha casa estava com o MAXWELL e fomos buscar o carro que estava parado na rua da casa da mãe do RONNIE.

O MAXWELL havia trazido uma placa e ficamos nos questionando onde trocaríamos a placa sem chamar atenção e acabamos indo para a minha casa, haja vista que lá tinha uma garagem fechada.

Ao chegarmos lá, colocamos o carro na garagem, trancamos a porta e trocamos a placa. Nessa época, a parte da frente da casa da minha mãe estava em obra e ele perguntou se tinha alguma coisa para quebrar a placa. Peguei a tesoura de cortar chapa, cortamos a placa na sala da casa da minha mãe e colocamos dentro de uma bolsa plástica. Depois, o MAXWELL fez uma varredura no carro, retirou algumas capsulas e colocou dentro do saco e colou um adesivo da Apple no carro.

Quando estávamos saindo da garagem o vizinho disse que o pneu estava vazio. Então, passamos no posto de gasolina, enchemos o pneu e deixamos o carro perto da casa da mãe do RONNIE em uma rua transversal e fomos para Rocha Miranda no carro do RONNIE.

No caminho, MAXWELL foi dirigindo o Cobalt, fomos por Engenho de Dentro, próximo ao supermercado Guanabara, entramos na Rua Curupaiti, pegamos a Rua Magalhães Couto (próximo à casa onde mora a mãe do RONNIE) e paramos o Cobalt ali. Entramos na Evok e fomos no sentido Rocha

Miranda, beirando a linha do trem e em cada lugar o RONNIE jogava um pedacinho da placa e das capsulas por cima do muro da estação.

Após jogar os pedaços da placa e as cápsulas, deixamos o MAXWELL na casa da mãe dele, porque ele disse que iria “agitar” o sumiço do carro. Ele falou que iria procurar um conhecido nosso, cujo apelido era Orelha, que já teve agência de automóvel e trabalhava com seguro de carro e hoje em dia tem uma sorveteria. O RONNIE me deixou em casa, disse que no dia seguinte estaria lá e que sairíamos no horário de “Rush”, pois não havia previsão de operação.

No dia 16/03/2018, na parte da manhã, RONNIE me mandou mensagem avisando que estava chegando do mesmo modo do dia anterior e me buscou em casa. Fomos até a casa da mãe dele buscar o carro. Chegando lá, pegamos o Cobalt e fui dirigindo enquanto o RONNIE foi dirigindo o carro dele. Fizemos o mesmo caminho beirando a estação de Engenho de Dentro, passamos por Cascadura e Madureira no sentido Rocha Miranda.

Quando chegamos à Rocha Miranda, o Orelha já estava avisado e paramos em uma pracinha. Acredito que o nome do local é Avenida dos Italianos, mas posso indicar com precisão pelo Google Maps posteriormente. Encontramos o Orelha, que estava em uma padaria ali próxima.

O Orelha entrou no carro do RONNIE e fomos em direção onde estava o carro usado no fato, a aproximadamente duas esquinas depois. Mostramos a ele o veículo. RONNIE foi falar que era para dar um sumiço no carro e o Orelha cortou e disse que o MAXWELL já havia explicado a ele e que ele não queria saber de nada e o RONNIE disse que era porque estava muito divulgado na televisão e que poderiam pensar que era alguma coisa e acabar segurando esse problema. Orelha ficou cortando enquanto RONNIE falava, dizendo que não precisava explicar nada e se mostrava desesperado para descer do carro. Depois disso fiquei sabendo através do MAXWELL que esse carro de fato sumiu e que foi para o morro da Pedreira, onde havia um desmanche de carro. Quando eu perguntei para o Orelha se havia dado sumiço no carro, ele me cortava e desconversava.

Foi desse modo que nos desfizemos do veículo e das cápsulas.

Após a divulgação das imagens do carro passando pelo Quebra-mar, o RONNIE ficou preocupado, porque viu que havia câmera em frente a Pousada no Quebra-Mar, onde ele, MAXWELL e EDMILSON paravam o carro e, possivelmente, a câmera havia gravado eles entrando no carro e trocando de vaga. RONNIE e MAXWELL chegaram a pensar em diversas possibilidades para tentar recuperar a imagem.

Pensaram inclusive em tentar falar com algum policial para ver a possibilidade de inventar uma ocorrência a fim de que retirassem as imagens da câmera, mas acharam muito risco envolver policiais e acabarem descobrindo que o veículo utilizado para o assassinato da Vereadora MARIELLE FRANCO e ANDERSON GOMES era o mesmo que estava em posse deles alguns dias antes.

DA ARMA DO CRIME

A arma utilizada foi uma MP5K. Segundo o RONNIE LESSA, essa arma foi do Batalhão de Operações Especiais (Bope). Quando o paiol do Bope pegou fogo essa arma sumiu.

Como o RONNIE já havia trabalhado no Bope com essa MP5K e gostava muito dela, procurou saber quem havia ficado com a arma e comprou a arma dessa pessoa, reformou-a e tinha um cuidado muito grande por essa arma.

Não sei informar quem estava com essa arma, mas imagino que possa ser alguém que estava na ativa na época do incêndio no paiol.

Posteriormente ao crime, eu sempre perguntava para ele sobre o fim que ele havia dado a arma e ele falava que não ia vender, pois podia acabar sendo encontrada. Como eu sempre perguntava a respeito da arma, um dia ele me

disse que picou ela, foi até o fundo do mar da Barra da Tijuca em uma parte que dá 30 m e jogou no mar. Mas quando estávamos presos ele me falou que tinha receio, porque havia “umas coisinhas” dele, conforme ele falou, com o PEDRO BAZANELA, um policial, o que me leva a crer que, diante do “carinho” que ele tinha pela arma e a forma que ele falou, “coisinha” poderia ser a arma.

Além disso, mesmo após ele me dizer que havia jogado a arma no mar, em uma determinada ocasião eu cheguei à casa dele e ele estava mexendo em um silenciador que era compatível com o silenciador usado na MP5K, utilizada para matar a Vereadora MARIELLE FRANCO e o ANDERSON GOMES.

ELEMENTOS DE CORROBORAÇÃO

- Antena dos telefones do EDMILSON, MAXWELL e RONNIE, nos 8 meses anteriores ao fato.
- Levantamento de acesso aos aplicativos do Google Maps e Waze entre 20:00 e 21:30 na antena da Rua dos Inválidos.
- Levantamento sobre eventuais buscas nos 8 meses anteriores a data do fato sobre a Medalha Chiquinha Gonzaga entregue pela então Vereadora Marielle Franco a Dona Dida.
- Depoimento do motorista do TAXI MÉIER que poderá confirmar que nos buscou no MEIER e nos levou para a Barra da Tijuca
- Confrontação entre a localização da minha antena de telefone, do RONNIE e do MAXWELL e/ou horários e locais onde as antenas foram desligadas.
- Depoimento do meu vizinho que viu quando saímos com o carro e informou que o pneu estava arriado.



- Poderá ser solicitado ao Batalhões onde o Ronnie trabalhou se houve desaparecimento de arma no modelo utilizada para a prática delituosa e se há registro das armas utilizadas pelo RONNIE.

Fl. 23
SR/PF/RJ
2023.0046250

